

O PANORAMA.

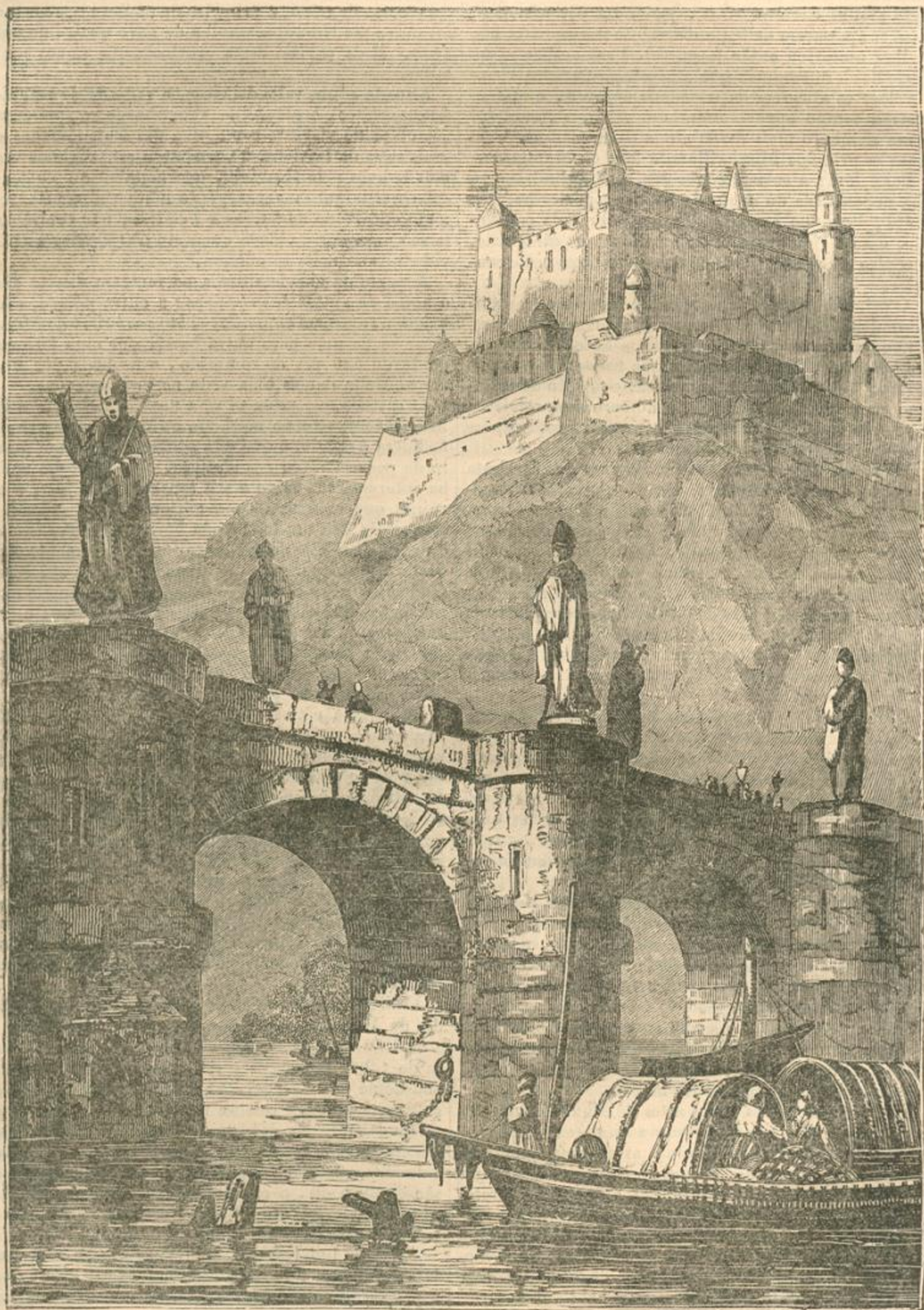
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

57)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 2, 1838)



PONTE DE WURTZBURGO — CASTELLO DE MARIENBERG.

BAVIERA — WURTZBURGO.

As ANTIGAS possessões da casa de Baviera eram, na Alemanha, antes da revolução franceza, o que, no meio-dia da Europa, foi por muito tempo a Hespanha. Era aquelle paiz propriedade exclusiva do clero, sobre tudo dos conventos; e o principe que o governava com o modesto titulo de eleitor só exercia uma auctoridade muito precaria. Debalde tinham tentado alguns eleitores tirar o poder aos ecclesiasticos, para se apossarem d'elle; a disposição dos espiritos não se lhes amostrou então favoravel. Para acabar o poderio do clero cumpria que a revolução franceza viesse revolver os alicerces da sociedade europea, e que ao mesmo tempo apparecessem um principe innovador e um ministro mais ávido ainda de mudanças. Taes eram o principe Maximiliano e Mr. de Montgelas.

Para levar a cabo esta revolução, Maximiliano tinha necessidade do apoio da França; pediu-lho, por tanto, logo que aos sanguinarios furores da convenção, e ao regimen um tanto vacillante do directorio, succedeu a organização forte e regular do governo consular.

O principe Maximiliano mandou destruir uma grande multidão de eremitérios, que havia pelos bosques, e que, segundo elle dizia, serviam de couro aos saltadores; prohibiu aos sanctos que fizessem novos milagres; tirou ás ordens monasticas o direito de andarem ao peditorio; diminuiu o numero de mosteiros; e reuniu aos bens nacionaes immensas propriedades que pertenciam ao clero.

Só os catholicos gosavam na Baviera, antes desta epocha, o direito de serem cidadãos bávaros: Maximiliano concedeu o direito de naturalisação ás pessoas de todas as communhões: supprimiu ao mesmo tempo um grande numero de festividades, transformando-as em dias de trabalho: prohibiu as romarias que se faziam a paizes estrangeiros, porque nessas romagens, dizia elle, safa da Baviera boa porção da sua riqueza; prohibiu, emfim, que houvessem presepes, estações, passos, e outras practicas religiosas, que serviam só, em seu entender, para alimentar a ociosidade e os ociosos.

No meio de tantas reformas era impossivel que não fosse offendida a liberdade religiosa. Os bons e pios bávaros quizeram resistir ao eleitor; mas o governo usou da força, e grande numero de aldéas foram militarmente occupadas, por quererem infringir o decreto contra as romarias. E' facil de conceber quão viva foi a irritação que se manifestou entre este devoto povo, que não estava para se deixar transformar n'uma sociedade de philosophos.

A nobreza bavara veio soccorrer o clero. Os estados de Baviera, assembléa composta principalmente de nobres e prelados, accusaram, n'uma especie de manifesto apresentado ao principe á maneira de memorial, o espirito revolucionario do seu ministro; mas o principe lhes respondeu, que esta revolução era obra sua propria, e recommendou aos deputados a submissão, e o respeito: nisto o eleitor favorecia os intentos de Napoleão, que queria a abolição dos estados representativos da Alemanha.

Esta harmonia entre os actos de Maximiliano e os desejos de Bonaparte estreitou a amizade entre a França e a Baviera. Assim durante as guerras e conquistas do imperador dos francezes viram-se os bávaros combater por elle quasi sempre; e depois de successivos augmentos feitos ao territorio da Baviera á custa de outros principados de Alemanha, Maximiliano já elevado á dignidade de rei, se achou em 1816 monarcha de um reino contendo mais de 28:000 milhas quadradas e perto de 4 milhões de habitantes.

Não seria facil seguir a historia das desmembranças successivas, e successivos augmentos, por que passou a Baviera naquelles poucos annos em que Napoleão dividia e junctava as provincias da Alemanha a seu capricho e sabor. Entre as que se uniram á Baviera em 1801 pelo tractado de Luneville lhe foram adjudicados os bispados de Wurtzburgo, o de Bamberg e o de Augsburgo. Pelo tractado de Presburgo de 1805, que elevou o eleitorado de Baviera á cathogoria de reino, o primeiro daquelles bispados lhe foi outra vez tirado, sendo-lhe de novo restituído em 1816. É da capital desta provincia que vamos aqui fallar.

Situada n'um valle delicioso, e rodeada de magnificos outeiros, a cidade de Wurtzburgo se apresenta aos olhos do viajante como uma das mais risonhas e mais ricas da Baviera. Wurtzburgo está dividida em dois bairros pelo rio Mein, que neste sitio é de consideravel largura: a navegação deste rio, constantemente atulhado de barcas e bateiras, não contribue pouco para dar á cidade o aspecto d'esplendor e actividade, que nella se observa.

Á parte da cidade situada na margem direita dão o nome de antiga *Wurtzburgo*: a outra porção, edificada na margem esquerda, chama-se *bairro do Mein*. Passa-se de uma para outra banda por uma formosa ponte de 540 pés de comprimento, e formada por oito arcos. Della damos uma vista na nossa gravura.

O castello que nesta se vê a um dos lados, é o de *Marienberg*, situado no bairro do Mein, que serve de fortaleza á cidade, e que está edificado sobre um morro de pedra de 400 pés d'altura. Neste castello nada ha interessante, salvo o seu aspecto pictoresco, e as ruinas que encerra de um antigo edificio redondo, que se diz fôra um templo de *Frega* deusa dos escandinavos. A cidade antiga é muito irregularmente edificada, e até poucas casas particulares ha ahí construidas de pedra e cal. Comtudo encerra formosos monumentos. O palacio real é digno deste nome; e era antigamente a residencia dos bispos e depois dos archidukes de Wurtzburgo: hoje se acha ornado com muita curiosidade, e a abobada da escada principal passa por ser obra prima de architectura.

Das trinta e tres egrejas que ha na cidade a cathedral é a maior, e a mais notavel, por muitos monumentos interessantes que contém, entre outros por um pulpito gothico, obra de delicadissimos labores. Wurtzburgo possui, além disso, muitos estabelecimentos de utilidade publica; como o grande hospital de Julius; mais doze hospitaes e outros muitos estabelecimentos de beneficencia, bibliothecas, e numerosas aulas de diferentes estudos. Entre as collecções scientificas citam muito as preparações anatomicas do grande hospital: ahí se conservam muitos craneos assignados de profundos golpes: estes craneos foram apanhados no sitio em que se deu a batalha de Wurtzburgo em 1796.

Wurtzburgo é a séde de uma das tres universidades da Baviera, sendo as outras duas a de Munich e a de Erlangen. A fundação deste estabelecimento data de 1403. Renovada e reformada em 1582 conservou desde então para cá uma grande reputação, sendo principalmente celebre na faculdade de medicina. Além da collecção de historia natural possui esta universidade uma livraria de 30.000 volumes, admiravelmente selectos. Os professores que nella ensinam, são de 30 a 40, e os estudantes andam por 500. A universidade de Wurtzburgo, como a de Munich é catholica; Erlangen é a dos protestantes.

Além da universidade, tem Wurtzburgo varios estabelecimentos de ensino inferior, e instituições para a propagação das letras e sciencias. Taes são a aca-

ciencia de physica e medicina, o gymnasio, o instituto polytechnico, ou escola central de industria, que frequentam mil estudantes, uma escola veterinaria, um observatorio, e um jardim botanico.

Os arredores de Wurtzburgo são affamados pelos vinhos que produzem: as suas vinhas são celebres desde o seculo treze, como as melhores de todo o districto, conhecido na antiga geographia de Alemanha pelo nome de circulo da Franconia. O mui estimado vinho, denominado *Steinwein* da-se nas immedições desta cidade, sendo a maior parte das vinhas que o produzem, pertencentes ao hospital de Julius; e tão precioso é, que até no paiz se vende a mais de oito tostões a garrafa. O *Leistenwein*, talvez ainda mais famoso, é produzido pelas vinhas que ficam na encosta da banda do sul do monte de Marienberg.

As manufacturas de Wurtzburgo são poucas; e em geral toda a Baviera é mais paiz de agricultura do que de industria: como a nossa cidade do Porto a riqueza e grande tracto commercial de Wurtzburgo consiste em vinhos; mas o que é mais notavel na semelhança das duas cidades é, que estando tanto uma como outra ainda atrasadas no commum das artes fabricis, os ourives, tanto de ouro como de prata, de qualquer dellas, não cedem a nenhuns do resto da Europa, em primor e delicadeza de trabalho.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO 3.^o e 4.^o MEZ DO INVERNO DE 1833, E CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE O MESMO INVERNO. POR M. M. FRANZINI.

Advertencia. — Para mais facil intelligencia das observações do thermometro, barometro, e pluviometro vão notadas a par das medidas de que se tem feito uso, as equivalentes mais conhecidas em Portugal, e por isso quanto ao thermometro serão designados os graus de calor pela escala de Fahrenheit e de Reaumur, fechados entre parenthesis, seguidos da letra *R.* As alturas do barometro vão designadas na medida decimal franceza com o equivalente em pollegadas inglezas e suas decimaes, por ser esta divisão quasi geral em todos os barometros existentes em Portugal. — As alturas da chuva vão notadas como as antecedentes em medida decimal franceza, e em pollegadas portuguezas e suas decimaes, advertindo que o nosso palmo fundamental, de 220 millimetros, contém 8 destas pollegadas, as quaes bem pouco excedem a pollegada do antigo pé francez.

Fevereiro de 1833.

Temperatura média das madrugadas 51.^o [$8\frac{1}{2}$ *R.*]
 D.^a ás 2 horas da tarde 59 [12.^o]
 D.^a geral do mez 55 [10.^o]
 Maior frio 43.^o [5.^o] no 1.^o do mez. — Maior calor 62.^o [$13\frac{1}{2}$ *R.*] a 16.

Barometro. — Maior altura 762,5 [30,02 *P.*] a 2
 „ Menor „ 739,0 [29,1] a 25
 „ Média „ 750,9 [29,56]

Estado da atmosphera. — Dias de chuvas brandas 6. — Ditos de chuvas abundantes 14. — Total 20 dias em que caíram 198 m. [7,2 *P.*], ou 58 almudes por braça quadrada. — Comparada esta quantidade com a média deduzida das observações anteriores, resulta que foi quatro vezes maior. — Foi este mez extremamente chuvoso e humido á semelhança do antecedente, porém com a differença de abundar em terribes tempestades. A sua temperatura foi tepida; porém os ventos de NO. resfriaram notavelmente a atmosphera nos ultimos 5 dias do mez. — As grandes

tempestades reinaram nos dias 11, 12, 20, 24 e 28, mas os ventos rijos de SO. a NO. sopraram por 14 dias. Houveram dois dias de trovoadas, sendo o dia 12 o mais abundante em chuva que avultou a 1,7 pollegada.

Phenomenos notaveis. — Apesar das copiosas chuvas dos dois mezes antecedentes, ainda no principio de Fevereiro as aguas do Têjo não attingiam o seu nivel usual do inverno; egualmente apenas começavam a apparecer as nascentes que tinham seccado no verão do anno passado. Tal foi o poderoso effeito das seccas dos annos antecedentes.

As copiosas chuvas e tempestades que começaram a 7, e mui especialmente as de 11 e 12, causaram grandes prejuizos em Lisboa e territorio adjacente. Na cidade abateram algumas casas, e avultado numero de muralhas e paredes impelidas pelo peso das aguas; e no Têjo houveram consideraveis avarias. Os ventos violentos da barra, oppondo forte resistencia ao curso do grande volume de aguas, que despejava o rio, concorreram para que se verificasse a 13 uma das maiores cheias de que ha exemplo, alagando-se as suas margens, a ponto de exceder a de 1802. O mesmo aconteceu nos campos do rio Mondego que se cobriram de agua na extensão de uma legua para cada uma de suas margens. A sobredita tempestade do dia 12 causou na bahia de Gibraltar gravissimas avarias fazendo encalhar 17 embarcações que alli estavam fundeadas.

A outra grande tempestade de 23 para 24 repetiu na bahia de Gibraltar, e excedeu os antecedentes desastres fazendo encalhar 36 embarcações que tinham arribado para aquelle ancoradouro. Estes mesmos temporaes, e o de 28, que tambem foi mui violento em Lisboa, acompanhado de trovoadas, e grizo de enorme grandeza, causaram nas costas da Irlanda numerosos e funestos naufragios, perecendo grande numero de navegantes cujos corpos foram arrojados pelas ondas sobre aquellas praias.

A par de tão grandes prejuizos teve logar nas costas deste reino um phenomeno mui vantajozo para a navegação dos nossos portos. As barras da Figueira, Aveiro e Porto, obstruidas desde muito tempo pelos avultados depositos que as brandas correntes de seus respectivos rios, tinham accumulado nos annos antecedentes, foram repentinamente libertadas daquellas barreiras pelo impeto do grande volume d'aguas com que engrossaram aquelles rios, e as suas barras se aprofundaram de muitos palmos. O que a natureza fez em poucas horas, a arte o não poderia conseguir senão á custa de grandes trabalhos e despezas. Convém porém cuidar no estabelecimento de barcos permanentes de limpeza, servidos pelo vapor, hoje tão communs em Inglaterra e França, a fim de conservar desembarçadas aquellas barras dos depositos que diariamente se accumulam, pois a natureza raras vezes se incumbe de semelhantes trabalhos.

É assás notavel a coincidência da grande tempestade do dia 23 com o violento tremor de terra que houve nesse mesmo dia em Bucharest, e que se estendeu com extraordinaria intensidade em toda a Valachia, causando funestas ruinas em muitas povoações. Em alguns sitios se abriram profundas bocas, as quaes lançavam materias volcanicas, ou grande cópia de aguas, que chegaram a produzir fortes inundações.

Na Hungria, e na maior parte dos paizes septentrionaes da Alemanha aconteceram terribes inundações. O Danubio, o Elba, o Oder e o Vistula trasbordaram de uma maneira de que ha poucos exemplos, e em Pesth foi terrivel a catastrophe. Todos os edificios desta florescente cidade que contém 42000

habitantes, e era a mais rica e populosa da Hungria, foram abalados pelos alicerces, e inundados até os telhados, orçando-se em mais de tres mil o numero das casas destruidas. É de presumir que semelhante catastrophe foi originada pelas enormes chuvas combinadas com os abalos do terreno por effeito dos tremores que ao mesmo tempo assolaram aquellas regiões.

Março de 1833.

Temperatura média das madrugadas 53.^o [9.^o R]
 D.^a ás 2 horas da tarde 63 [14.^o]
 D.^a geral do mez 58 [11.^o $\frac{1}{2}$]
 Maior frio 44.^o [5.^o $\frac{1}{2}$] a 22 e 23 — Maior calor 59.^o [16.^o $\frac{1}{2}$] a 28 e 29.

Barometro. — Maior altura 770,2 [30,32 P.] a 6
 „ Menor „ 743,5 [29,27] a 1
 „ Média „ 758,9 [29,87]

O barometro soffreu consideraveis e rapidas oscillações desde o 1.^o até 6 do mez, percorrendo mais de uma pollegada em tão curto intervalo. Estas oscillações foram precursoras da passagem do mau tempo, que reinou nos mezes antecedentes, para o bom tempo.

Estado da atmospheria. — Dias de chuvas brandas quatro, a 4, 11, 21 e 22. — Ditos de chuvas mais abundantes quatro, a 1, 2, 3 e 28. — Total 3 dias em que caíram 40 millimetros [1,45 P.], equivalentes a 11 $\frac{2}{3}$ almudes por braça quadrada. Foi por consequencia mui regular, excedendo sómente 5 millimetros á quantidade média deduzida dos annos antecedentes.

As grandes chuvas de Fevereiro continuaram até 4 de Março com ventos do SO. a NO., que sopraram fortes no 1.^o do mez e a 4. — Seguiu-se tempo secco desde 5 até 20, á excepção do dia 11 em que houve brando chuvisco, dominando neste intervalo, pequenos ventos variaveis do NO. a NE. Este ultimo soprou com força a 12, 16, e 17. A 21 fixou-se ao NO. fresco, e deu dois dias de pequenas chuvas, resfriando notavelmente a atmospheria. Esteiou novamente e assim se manteve até o fim do mez, á excepção do dia 28, em que houve chuva abundante e uniforme, assás proveitosa a todos os vegetaes. As oliveiros, que os frios do anno passado, e as chuvas deste anno, limpam da ferrugem, promettem abundante colheita, assim como as vinhas. — Os cereaes estão vigorosos, e tudo parece annunciar um anno de grande fertilidade.

Phenomenos notaveis. — Desde 5 até 12 deste mez abundantes chuvas inundaram as visinhanças de Palermo, causando grandes prejuizos. Em Meszojoto desabou um outeiro, destruindo 120 casas; e em S. José del Motelle, a 6 leguas daquella cidade, aconteceu outra igual catastrophe no dia 11 pela manhã, arruinando quasi todos os edificios. Os seus habitantes em numero de 5000, tiveram tempo de fugir, mas tudo perderam. É notavel que no mesmo dia cessaram aqui as moderadas chuvas que tinham caído desde 1 até 4, e que nos dias desastrosos para a Sicilia, se gozava em Lisboa tempo bonançoso e secco.

Additamento aos phenomenos notaveis de Dezembro e Janeiro [Vid. o Panorama n.^o 54].

Dezembro. — A 7 deste mez foi arruinada a cidade de Valdivia, de 5000 habitantes, na costa do Chili, por um terrivel tremor de terra, que durou oito minutos. Os seus abalos foram tão violentos que os habitantes com muita difficuldade se podiam sustentar em pé. O mar recuou sobre os seus antigos limites, e só muitos dias depois os recobrou sem violencia,

fenomeno assás extraordinario e contrario ao que sempre acontece em semelhantes occasiões.

Janeiro. — A 11 deste mez houve um fortissimo tremor de terra nas provincias meridionaes da Russia, principalmente nas cidades de Odessa, Ismail, Kischineff, Bender e Jassi. Foram geraes os abalos, e á mesma hora, em Kamaniec, Pokolski, Istomitz, Chotin e outras povoações. Os choques se repetiram na noite de 12 para 13 em Ismail, Bender e Reni. Coincidiram estes abalos com a epocha dos grandes frios, que chegaram a 20.^o R. abaixo do gelo, não só em Odessa, aonde duraram 29 dias, mas tambem em toda a Crimea, na qual por um caso bem raro, se viajava em *traineau*, como nas provincias septentrionaes daquelle vasto imperio.

Do que fica referido se segue que nos 4 mezes do corrente inverno caíram em Lisboa 20,7 pollegadas de agua, o que equivale a 166 almudes por braça quadrada, e como a quantidade média deduzida nos 10 annos antecedentes é de 9 pollegadas se conclue que a enorme chuva deste anno equivaleu á que costuma cair em 2 $\frac{1}{3}$ invernos regulares, e foi mais do duplo da que caiu nos mezes do inverno de 1837. Terminaremos este artigo offerecendo o resultado das quantidades de chuva observadas em Lisboa no decurso de 14 invernos.

| | Dias de chuva. | Millim. | Pollegadas portug. |
|-----------------|----------------|---------|--------------------|
| Inverno de 1816 | — 39 | — 338 | — 12,3 |
| „ 1817 | — 27 | — 142 | — 5,2 |
| „ 1818 | — 48 | — 197 | — 7,2 |
| „ 1819 | — 40 | — 251 | — 9,1 |
| „ 1820 | — 50 | — 370 | — 13,4 |
| „ 1821 | — 51 | — 286 | — 10,4 |
| „ 1822 | — 30 | — 174 | — 6,3 |
| „ 1823 | — 54 | — 404 | — 14,7 |
| „ 1824 | — 33 | — 109 | — 4,0 |
| „ 1825 | — 26 | — 197 | — 7,2 |
| „ 1826 | — 48 | — 424 | — 15,4 |
| „ 1836 | — 47 | — 241 | — 8,8 |
| „ 1837 | — 34 | — 189 | — 6,9 |
| „ 1838 | — 67 | — 568 | — 20,7 |

Aspecto geral do inverno de 1833. — Pelos phenomenos que ficam referidos parece que o interior do nosso globo, por effeito do fogo central, foi agitado por commoções violentas que se manifestaram por fortes abalos em pontos quasi diametralmente oppostos, e sobre grandes superficies, ao mesmo tempo que a atmospheria do hemispherio septemtrional desinvolveu grandes phenomenos, resfriando-se extraordinariamente em algumas partes, do que provavelmente se originaram as grandes tempestades que tiveram logar no nosso continente, e as enormes chuvas que principalmente se desinvolveram na parte meridional, aonde a temperatura se conservou tepida. Felizmente em Portugal não aconteceram catastrophes, e bem ao contrario as abundantes chuvas produziram effeitos beneficos restituindo ao solo a sua frescura, aos depositos interiores e mananciaes, as aguas, quasi esgotadas, e por fim desobstruindo as nossas barras, e annunciando um anno de extraordinaria fertilidade.

POPULAÇÃO DE S. PETERSBURGO.

ESTA cidade que a principio só era destinada a ser um arsenal, se converteu em 1721 na séde do governo. A vontade energica de Pedro 1.^o venceu a repugnancia dos grandes, e foi em um clima aspero no meio de brejos e de nevoeiros, e sobre estacarias, que este principe quiz fundar a sua nova capital, que ho-

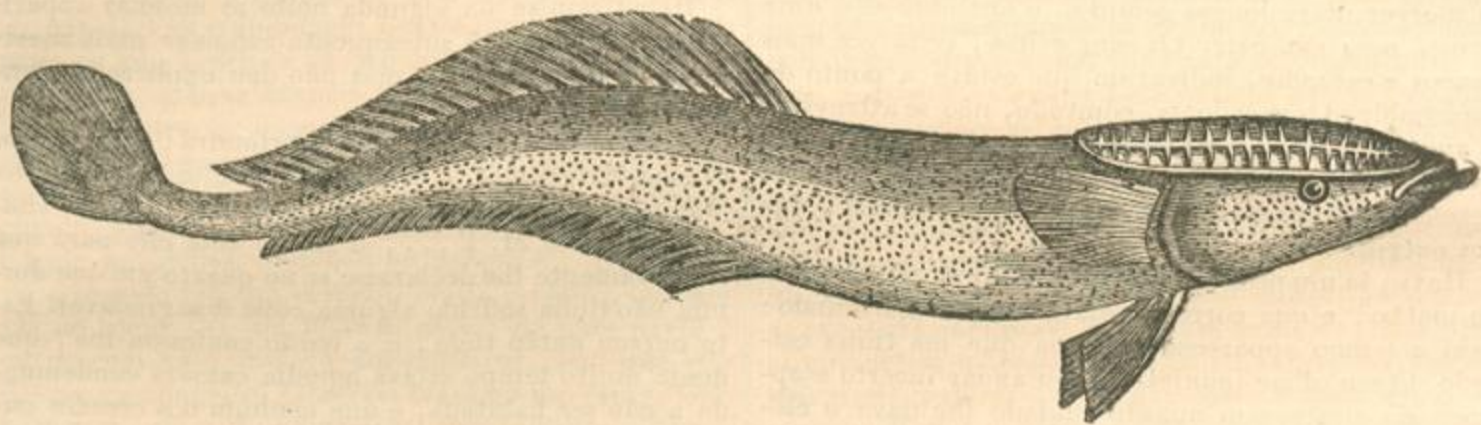
je é a mais magnífica da Europa, pelo vulto dos seus edificios publicos, e pela grandeza das suas praças e ruas. Ainda que uma grande parte dos palacios e monumentos, que adornam esta capital, sejam extravagantes e de máu gosto, todos esses defeitos se esquecem ao contemplar a largura das ruas, a immensidade dos cáes, construídos de granito, que orlam o Neva, a profusão dos marmores e dos porphidos, e o buliçoso espectáculo de um formoso rio, e de um commercio marítimo.

Em 1826 a população desta cidade era de 320:000 almas: o recenseamento de 1831 a faz subir a 448:221 pessoas; 316:211 homens e 132:010 mulheres: ainda que o augmento dos annos successivos tem sido muito maior, orgando-a na mesma proporção, a actual população deve andar por 600:000 almas.

Este accrescimo prodigioso de gente, em tão pouco

tempo, deve-se principalmente ao vasto commercio que ha em S. Petersburgo, e a ser ahi a residencia da côrte, o que attrae a ella um avultado numero de habitantes do sertão, e até de paizes estrangeiros. A maioria de homens, que apparece no numero dos habitantes, poderia confirmar a doutrina de alguns auctores que pertendem que nos paizes do norte nascem mais homens do que mulheres: mas em S. Petersburgo accresce tambem outra razão dessa differença; e vem a ser a numerosa guarnição que sempre reside na capital de um imperio inteiramente militar.

Em 1831 contavam-se em S. Petersburgo 30 pontes, 455 edificios publicos, 187 fabricas, 2:654 casas de cantaria, e 5:330 de madeira. No decurso daquele anno acabaram-se 90 edificios, e estavam-se construindo 132.



A REMORA.

[*Echeneis remora.*]

FABULARAM os antigos que este pequeno peixe apegando-se ao leme dos navios os detinha em sua carreira, não obstante o impulso do vento. Alguns escriptores seguiram a torrente popular, e escreveram cousas incriveis ácerca d'um individuo, que nem sequer conheciam, como se prova das encontradas e falsas pinturas que delle fizeram. As historias mais notaveis, que a este respeito se referem, são as que traz Plinio das náus em que navegavam Periandro, tyranno de Corintha, e Caligula, imperador romano, que em tempos diversos foram ambas detidas pela virtude da rémora. O mesmo auctor conta egual successo da capitania de Marco Antonio, que não pôde, por causa deste peixinho, marear na batalha naval d'Accio: porém só em Plinio se encontra esta noticia, porque nos demais auctores não se acha outra rémora d'Antonio senão a estremada formosura de Cleopatra, que por certo o foi naquelle conflicto, pois de teve no mar o cego namorado para que em combate naval procurasse a decisão de sua fortuna contra todos os dictames da razão, que o persuadia a sair a terra, por ser tão superior ao seu rival, Augusto Octaviano, em forças terrestres quanto era inferior nas maritimas.

Todos estes contos ácerca da rémora são patranhas, que adoptou a facil credulidade. Tem não obstante isso uma origem no privilegio de que este peixe goza; isto é, a faculdade de se apegar e adherir fortemente a quaesquer corpos por um grande achatamento, ou escudo oval, que tem na parte superior da cabeça, atravessado [como se vê na estampa] de dezoi-to regos transversaes, com uma linha saliente longitudinal: mediante este aparelho a rémora se apega, e fica segura em qualquer corpo, fazendo uma chupadura, que incha e diminue alternativamente os intervallos dos regos, e produz assim um vasio entre estes.

Ha outra especie, chamada rémora maior, ou peixe apegador, [*Echeneis naucratis*] que tem 24 regos na cabeça.

CAÇA DOS ELEPHANTES NO CABO DE BOA-ESPERANÇA.

[Continuação.]

AINDA eu estava mettido debaixo dos pés do meu adversario, e exposto talvez a novos tractos quando o tenente Chishom do corpo real africano, e um hottentote appareceram na corôa dos rochedos onde eu me tinha querido refugiar. A minha situação lhes cortou o coração; gritaram logo por soccorro; mas os caçadores andavam mui longe, e só a sentinella que me tinha avisado do perigo pôde vir ter com elles. Reunidos atiraram muitos tiros ao meu inimigo; e no mesmo instante os dois elephantes pequenos fugiram; mas o grande, mais atrevido, continuava na sua obra. Comtudo o fogo contínuo dos meus camaradas, os gemidos dos filhos, e mais que tudo uma bala que o meu antagonista recebeu na espadua direita o resolveram a largar-me. Custou-lhe; porque, ainda que estava quasi desmaiando com dôres, segui-o com os olhos, e muitas vezes o vi voltar a cabeça para examinar se eu me levantava. Nem força nem vontade tinha para o fazer: e só quando o vi sumir no bosque chamei pelos meus camaradas. Correram a mim: acharam-me desfigurado; tinha a cara rasgada, o fato esfarrapado e cheio de sangue e lodo, e estava enterrado na vasa. Com as espingardas e alguns troncos de arvores alevantaram-me do chão, e como eu não podia bolirme, armaram uma padiola e levaram-me para a borda do rio, onde me fez a primeira cura o cirurgião do districto militar.

Estava eu ahi, rodeado dos meus amigos, quando vimos sair um soldado do real regimento africano, do bosque por onde eu tinha passado. Perseguiu-o um

enorme elephante macho. Mac-Cleane [assim se chamava o soldado] tractava de se ir acoutar nas quebras dos rochedos, que estão pela margem do Gualana; mas, escorregando-lhe um pé caíu n'um atoleiro. O elephante que já vinha em cima delle o agarrou por um braço com a tromba, arrastou-o e mettu-se no matto. Todos os que estavam ao pé de mim atiraram ao elephante; mas, por causa da grande distancia, não lhe acertaram, e tivemos o desgosto de ver morrer de morte atroz este valoroso soldado. O elephante o encostára a uma arvore, e uma e muitas vezes o atravessou com as presas; depois deu-lhe uma volta e para o acabar de matar pizou-o aos pés. Entretanto os meus companheiros foram-se chegando, sem que o animal os presentisse, e atiraram-lhe todos a um tempo: desta vez saíram-se bem: o bruto, ferido em muitas partes, vacillou, mas não caíu. Sentindo dôres vivissimas, e talvez conhecendo que ía morrer, dava longos gemidos, e encostou-se a uma arvore para não cair. Os seus gritos, cada vez mais roucos e cansados, indicavam que estava a ponto de succumbir. Os caçadores, comtudo, não se atreviam a approximar-se, e continuavam a atirar-lhe de longe. Foi então que presenciámos uma scena, que nos revelou quão viva é a affeição destes animaes, uns aos outros.

Havia já um pedaço, que ouviamos gritos que saíam do matto, e que correspondiam aos do moribundo: dahi a pouco appareceu a femea que me tinha calcado. O seu olhar inquieto, o seu andar incerto e apressado mostravam quanto cuidado lhe dava o elephante que nós estávamos acabando. Tanto que viu o companheiro, apesar das frequentes descargas de mosquetaria, e apesar da profunda ferida que recebera na espadua, mettu-se diante das nossas ballas, e fez-lhe uma trincheira com o corpo. Durante mais de dez minutos soffreu o fogo. Ora olhava para os caçadores como quem pedia piedade, ora acariciava o seu desgraçado companheiro, procurando ajudá-lo com a tromba, e conduzi-lo para o interior do matto. Mas, vão trabalho!, brevemente nós o vimos escorregar pelo pé da arvore, e cair. Não acabou, comtudo, com a morte, a ternura da sua companheira, que ainda procurava reanima-lo com o seu hálito, mettendo-lhe na boca a extremidade da tromba. Vendo, enfim, que era vã toda a esperança de lhe restituir a vida, poz-se a dar gemidos tão agudos e sentidos que me commoveram. Neste momento de colera e furia era eu talvez o unico que tinha dó della: os meus camaradas encarniçados continuaram a atirar-lhe, até que, mortalmente ferida, caíu moribunda ao pé daquelle a quem acabava de testificar uma tão viva e fiel affeição.

Chegaram-se então os caçadores. O tamanho de ambos os animaes era desmesurado: o macho tinha nove pés de alto, e a femea oito pés e quatro pollegadas: parecia serem ambos muito velhos. Asseveraram-me que tinham no corpo mais de oitenta ballas: e depois eu vi outros andarem ainda com igual numero de feridas. Verdade é que muitas ballas não lhes podem romper a ossada, e ficam-lhes mettidas entre os ossos e o couro.

Os hottentotes aproveitaram a carne dos dois animaes, e os nossos soldados quizeram a pelle e a gordura: a mim deram-me de presente o dente da elephanta, e os esqueletos dos dois brutos foram mandados para Inglaterra provavelmente para algum gabinete de historia natural.

Levaram-me para Fridericksburg: no fim de 15 dias comecei a restabelecer-me das feridas; mas jurei ser mais prudente de futuro, e até hoje ainda não quebrei o juramento. — *Asiatic Journal*.

SINGULARES EFEITOS DO AR CORRUPTO
NOS APOSENTOS.

Um architecto de Vienna dirigiu-se por causa de negocios á casa de campo de certo barão. Destinaram uma das melhores camaras do palacio para sua habitação. Apenas se mettu na cama, affigurou-se-lhe que o arrebatavam do leito, e que o transportavam já para um já para outro lado da casa; umas vezes achava-se sobre o leito, outras debaixo delle; agora juncto das portas ou das janellas, logo no meio de uma enorme chaminé. Não era isto uma illusão, elle sentia o movimento e reconhecia todos os recantos do quarto. Na manhã seguinte appareceu ás horas do almoço, pallido, e extenuado, como quem passára uma noite sem pregar olho; porém o seu natural melindre fez com que apenas dêsse respostas evasivas ás perguntas dos seus hospedes.

Repetiram-se na segunda noite as mesmas appareções, e na manhã subsequente achou-se mais macilento, e mais abatido, mas não deu explicação alguma a tal respeito.

A terceira noite foi como a primeira; o ve-lo com as faces descoradas, e os olhos encovados despertou na manhã seguinte o cuidado da familia. O barão chamou de parte M. P. . . , e instou com elle para que ingenuamente lhe declarasse se no quarto em que dormia não tinha soffrido alguma coisa desagradavel. Este narrou então tudo, e o barão confessou-lhe, que desde muito tempo estava aquella camara condemnada a não ser habitada, e que nenhum dos creados ou-sava lá ir só.

Depois desta explicação, M. P. . . pediu se lhe permittisse examinar o local, e achou, que a chaminé, tapada por cima de pedra e cal, não deixava entrar o ar; além disso, as janellas estavam sempre fechadas, e as portas quasi nunca se abriam; reconheceu igualmente que no telhado da camara, situada em um dos lados do edificio, não se descobria a menor fenda, d'onde concluiu que parte do gaz mephytico [gaz-acido carbonico] encerrado no vão do telhado, devia, por entre o forro velho penetrar na sala, onde este ar corrupto, e que não podia renovar-se, influa no cerebro de tal modo que excitava um delirio momentaneo, que apresentava á imaginação estas visões nocturnas.

M. P. . . fez um relatorio das suas observações, e trabalhou em remediar o mal. Abriram-se as portas, e as janellas, estabeleceu-se uma corrente de ar na chaminé, e mandou-se fazer por dois pedreiros um resfolgadouro no telhado. O ar que saiu pela abertura era de qualidade tão nociva, que um dos obreiros foi accommettido de um vágado, a ponto de precipitar-se, se o seu companheiro lhe não acudisse.

M. P. . . passou esta mesma noite na camara, e como havia tres dias que não socegára, dormiu melhor que nunca, e não se tornou a ouvir fallar em appareções.

Uma scena deste genero é descripta no Antiquario de Walter Scott. tom. 1.º cap. 10.º

FESTA PARA AFUGENTAR AS BEXIGAS
NO INDOSTÃO.

A FESTA de Marianná, divindade que os indios teem por advogada contra as bexigas, é uma das mais notaveis ceremonias religiosas do Indostão. Consiste esta em jejuns, abluções, sacrificios, dansas e passeios por meio do fogo. O coronel Welsh a descreve nos seguintes termos.

“Eu tinha ouvido fallar muito nesta espantosa ce-

remonia; mas nunca podera assistir a ella. Era depois do pôr do sol que se havia de fazer a festa, e resolvi-me a ir augmentar o numero dos espectadores. Parti do acampamento com o capitão Pepper, e depois de caminharmos duas horas, chegámos ao lugar do festejo, que era um pequeno e miseravel pagode onde habitavam sete ou oito sacerdotes. Tinham aberto um fosso, de obra de 18 pés de comprido e 12 de largo, no meio do primeiro recinto do templo: não posso dizer que fundo teria a cova, porque quando chegámos já estava cheia de carvões accesos. Uma longa fileira de individuos de todas as edades, e de ambos os sexos, saindo do pagode caminhavam para lá em procissão, cantando os louvores da deusa Marianná com acompanhamento de tymbales e do *tour-té*, que nunca falta nestas festas.

O calor do fogo era tão forte, que eu e o capitão Pepper tivemos de estar, em quanto durou a cerimonia, a certa distancia do brazido, porque os nossos cavallos se empinavam quando queriamos chegar mais ao pé. Todos os da procissão iam nus, mas untados com certa substancia amarellada. Depois de um dos sacerdotes ter immolado um gallo, os devotos começaram a passear uma e outra vez pelo meio do lume: ora caminhavam vagarosamente, ora com vivacidade, sem mostrarem a menor dôr ou incommodo; e cada um delles, andando ou dançando, atravessava o brazido por um carreiro muito estreito, que havia no meio. Vi um homem passar de uma parte á outra com uma creança aos hombros, sem que esta desse o menor grito. Observei tambem um rapaz, bem parecido e de rosto expressivo, que escorregando para o lado caiu no lume, e foi tirado para fóra sem receber o menor damno."

"Descrevo o que vi: toca á sciencia o tractar de saber qual é a natureza da substancia preservadora de que esta gente se serve, e o determinar a verdadeira causa deste apparente milagre, desfazendo o prestigio que o rodea. Fiz perguntas sobre isto a muitos indios, e todos me responderam que depois das abluções, e de tres conjuros dirigidos a Marianná, os sacerdotes os untavam com uma substancia amarellada, cuja composição ignoravam. Acabada a cerimonia os sacerdotes os mandam entrar no templo, e os fazem lavar n'um grande tanque. Nesta agua é que são depois mergulhadas as creanças que pretendem preservar das bexigas: immersão que, na verdade, raras vezes produz effeito."

Deve-se notar, que, graças á influencia ingleza, os indios teem abandonado, em muitos districtos, estas superstições; e que todos os annos são vaccinadas grande numero de creanças, ou pelos medicos indigenas, ou pelos medicos inglezes.

LABYRINTHOS.

ENTRE os labyrinthos que houve em tempos antigos contam-se tres que eram particularmente affamados; o de Creta, de cujos vestigios apenas se faz menção; o de Lemnos, cujos restos ainda existiam no tempo de Plinio; e o do Egypto, que era o mais celebre de todos. Tão extraordinario era este que Herodoto, que o viu, diz excedia muito á fama que delle corria, sendo, em seu entender, mais admiravel do que as pyramides. Como havia, pelo menos, tres edificios desta especie, os antigos escriptores, não os distinguindo, ordinariamente só fallam de um, e por consequencia mui confusamente. O de que falla Herodoto, dizem fora obra dos doze reis que governavam separadamente as provincias do Egypto, os quaes o construíram á custa de todos elles.

A sua estrutura faz crer que era designado para Pantheon, ou templo universal de todas as divindades egypcias, que se adoravam exclusivamente nas diversas provincias. Era tambem o lugar das reuniões geraes dos magistrados da nação inteira, porque todos os que pertenciam aos differentes *nomos* ou comarcas, ahí se reuniam para a celebração das festividades, e sacrificios, ou para julgar as coisas de grande importancia. Por esta razão cada *nomos* tinha uma salla ou palacio no labyrintho, o qual lhe pertencia, contendo todo o edificio doze, segundo Herodoto, visto ser dividido o Egypto em 12 provincias. Plinio, porém, diz que o numero dos palacios era de dezescis, e Estrabão parece dizer que montavam a vinte e sete. Refere Herodoto, que as sallas eram abobadadas, e tinham numero igual de portas fronteiras umas ás outras, seis que davam para o norte e seis para o sul, e todas as sallas estavam incluídas dentro dos mesmos muros: diz mais que havia neste edificio tres mil quartos; mil e quinhentos em cima, e outros tantos debaixo do chão, e que elle examinou todos os de cima, mas que os guardas do palacio não lhe permitiram descer aos subterraneos, porque nelles estavam os sepulchros dos crocodilos sagrados, e dos reis que tinham edificado o labyrintho. Acrescenta que o que elle viu parecia exceder a habilidade humana; tantas eram as maravilhas que havia por aquelles quartos, corredores, voltas, entradas e saídas. Elle passava successivamente de sallas para camaras, destas para gabinetes, e depois ao contrario vindo dar em salões ainda maiores do que aquelles por onde tinha começado. Todos os tectos e abobadas estavam forrados de marmore e adornados de figuras esculpidas. As sallas eram rodeadas de columnas de pedra branca extremamente polidas, e no angulo onde acabava o labyrintho havia uma pyramide de maravilhoso artificio.

A esta descripção de Herodoto acrescentam outros auctores que o labyrintho estava no meio de uma grandissima praça, rodeada, em grande distancia, de edificios; que o atrio era de marmore de Paros, e todas as outras columnas de syenita; que dentro havia templos de todas as deidades egypcias, e gallerias, para as quaes se subia por escadas de noventa degraus, adornadas com muitas columnas de porphydo, imagens de deuses, e estatuas de reis, tudo de tamanho colossal; que todo o edificio era feito de pedra, sendo os pavimentos de lagens enormes, e os tectos como docéis de pedra; que os corredores se encontravam e cruzavam tão intrincadamente, que para uma pessoa de fóra era impossivel dar com a saída, a não haver quem servisse de guia; emfim, que alguns quartos eram por tal arte construídos, que, ao abrirem-se as portas, ouvia-se um ruido terrivel e semelhante ao rebombar do trovão.

A TORRE MARAVILHOSA.

EM quasi todas as nações da Europa os poetas e romancistas teem aproveitado as tradições populares para sobre ellas alevantarem poemas ou novellas; só na peninsula hespanhola nenhum caso, ou mui pouco, se faz destas creanças onde apparece em todo o seu brilho a imaginação do povo. Entretanto talvez em nação alguma existem tantas riquezas deste genero: as guerras dos godos, o dominio dos mouros, a emancipação dos christãos, as luctas dos differentes estados em que se dividiram as Hespanhas na idade média, a superstição dos antigos tempos, tudo deu materia a narrações maravilhosas, que ainda se encontram nos cancioneiros e nas tradições do vulgo. Estas tradic-

ções ligadas umas com outras formam uma epopea secular, mais admiravel na sua variedade do que as do norte ou as de Escocia; o que só nos falta é um Tegnér ou um Macpherson, que as ligue e enfeite com modernos adornos. Os estrangeiros já em parte as têm aproveitadas para pequenos romances ou balladas: o tão celebrado *Fridolino* de Schiller, nada mais é do que uma das nossas ficções populares ácerca da rainha S. Isabel, o *abbade e o rei*, de Burger, é um daquelles contos, que não ha lareira nas nossas provincias, onde se não tenha narrado por noites de inverno; e lord Byron achou tal poesia na xácara da tomada de Alhama, que a traduziu verso a verso.

Para despertar a curiosidade dos nossos leitores sobre um ramo de litteratura tão digno de attenção, e que apenas soube aproveitar em parte o Sr. Garret, iremos mencionando neste jornal algumas dessas ficções tradicionaes, começando pela da Torre Maravilhosa de Toledo.

Rodrigo, o ultimo dos reis godos, reinava em Hespanha. Entregue a todo o genero de devassidões, como o seu antecessor Witiza, a quem despojára do sceptro, temia-se de que os filhos deste, buscando o amparo dos sarracenos de Africa, que já ameaçavam a Peninsula, o derrubassem do throno. O traidor conde Julião, que já meditava a ruina da sua patria lhe aconselhou o mandasse a elle por embaixador á corte do rei Muça da Mauritania, onde os principes desherdados se haviam acolhido. Era necessario mandar um avultado presente ao rei sarraceno; foi então que Rodrigo mandou abrir a Torre de Toledo.

Esta torre fôra edificada em tempos antiquissimos juncto daquella cidade: quem a construiu, ninguem o sabia: afferrolhada com grossas portas e cadeados, não havia homem que olhasse para ella sem terror. — O que continha era um mysterio: mas todos tinham ouvido affirmar a seus antepassados que quando aquellas portas se abrissem não tardaria a assolação e o captiveiro da Hespanha.

D. Rodrigo accreditou que tanto mysterio attribuido áquelle edificio era signal de que alli estavam encerradas extraordinarias riquezas, e que os fundadores da torre, cercados de tantos terrores, só tinham querido resguarda-la das tentativas de cubigosos. A necessidade de fazer custosos presentes a Muça o resolveu a abrir por sua propria mão a porta principal da torre.

Ao abri-la, os cortesãos e o proprio rei recuaram espantados: um horrivel gigante estava interposto entre a entrada e uma porta fronteira que dava para outra quadra escura, e batendo incessantemente, com uma clava de ferro, que tinha nas mãos, para um e outro lado, impedia que se approximasse ninguem do quarto escuro. — Rodrigo era animoso; e a cubiga o incitava; atirou um golpe ao gigante, então conheceu que era de bronze: chegou-se, e viu que o movimento procedia de certas rodas movidas por uma torrente cujo ruido soava debaixo do chão: suspendeu com as mãos a clava, e puxando-a para si a machina parou. Entrando no quarto defendido, Rodrigo achou uma caixa, dentro da qual só havia um painel em que estavam pintados muitos mouros com armas; — por baixo tinha esta lenda em caracteres muito antigos; — *Quando esta torre for aberta, uma gente, que usar destes vestidos e armas conquistará toda a Hespanha.* Rodrigo, cheio de terror mandou então fechar as portas do edificio; e o conde Julião partiu para Africa, onde, sob pretexto d'embaixador, atraiçooou sua patria, abrindo o caminho aos mouros.

Dahi a poucos tempos a propheta se cumpriu; e na batalha de Guadalete expirou a monarchia hespanhola.

1564 — Calvino morre em Genebra de idade de 53 annos, depois de ter dado um impulso extraordinario á revolução religiosa que rebentára no principio daquelle seculo. Tinha alcançado, pelos seus talentos, trabalhos, e virtudes grande auctoridade em Genebra. As calumnias que tinham vogado ácerca dos seus costumes foram destruidas por zelosos e veridicos auctores catholicos, como eram Florimond de Raymond, Varillas, e Maimbourg.

28

1357 — Morre em Lisboa elrei D. Affonso 4.^o filho e successor de D. Diniz — Tinha de idade 66 annos e de reinado 32.

1829 — Fallece Sir Humphry Davy, um dos mais illustres chimicos e philosophos experimentaes dos nossos dias. Delle é a invenção das lampadas de segurança, para os trabalhos das minas.

29

1453 — Constantinopola é tomada por Mahomet 2.^o imperador dos turcos; e assim acaba o imperio grego, ou do oriente, depois de ter existido dez seculos.

30

1431 — A celebre Joanna d'Arc, conhecida mais pelo nome de Donzella de Orléans, é queimada em Ruão pelos inglezes, como feiticeira.

1588 — Sae do porto de Lisboa contra a Inglaterra a invencivel armada — Veja-se a pag. 38 deste volume.

Este dia é notavel pelas mortes de muitas pessoas celebres. — Carlos 9.^o de França, que mandou fazer a grande matança de protestantes chamada a S. Barthelemy [1574]. — Rubens o mais eminente pintor historico da eschola flamenga [1640]. — O poeta inglez Alexandre Pope [1744]. — Voltaire, de 85 annos de idade [1773]. — Sir James Mackintosh, illustre estadista, legista, e historiador inglez [1832].

31

1469 — Nasce em Alcochete o infante D. Manuel depois rei 1.^o do nome, filho do infante D. Fernando, e neto d'elrei D. Duarte. Herdou a corôa de D. João 2.^o, que por morte do principe D. Affonso, acabou sem descendencia.

1809 — Morte de Haydn, celebre compositor de musica allemão.

Junho 1.

1416 — Execução de Jeronimo de Praga, condemnado ao supplicio das chammas, como hereje, pelo concilio de Constança. Era discipulo de João-Hus, executado a 6 de Julho de 1415.

2

1701 — Morte de Madame de Seudery auctora de varios romances celebres.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.